

KAREN COLARES

SUBMISSÃO FEMININA

UMA
LEITURA
BÍBLICO-
-FEMINISTA



editora recrutar

KAREN COLARES

SUBMISSÃO FEMININA UMA LEITURA BÍBLICO- -FEMINISTA

São Paulo, 2023.



editora recriar

Copyright © Editora Recriar, 2023.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

Direção Geral:

Iago Freitas Gonçalves

Equipe editorial:

André Yuri Abijaudi

Danilo Mendes

Flávio Santana

Iago Freitas Gonçalves

Revisão e preparação de texto:

Danilo Mendes

Flávio Santana

Projeto gráfico, capa e diagramação:

Talita Almeida

Conselho Editorial:

Dra. Odja Barros

Dra. Maria Cristina Furtado

Dra. Sandra Duarte

Dra. Marina Correa

Dra. Magali Cunha

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C683s COLARES, Karen.

Submissão feminina: uma leitura bíblico-feminista
/ Karen Colares. São Paulo: Editora Recriar, 2023.

322 p. 23 cm.

Inclui referências bibliográficas

ISBN: 978-65-5372-098-5

1. Efésios 2. Leitura feminista 3. Hermenêutica

I. Título

CDD: 220

Sumário

Agradecimentos	9
Prefácio	11
Introdução geral: recortes, metodologia e definições	17
1. Antigas sociedades mediterrâneas e oriente próximo	25
1.1 Delimitações	28
1.1.1 Divisão espacial e papéis de gênero	30
1.1.2 Família e patriarcado	32
1.2 Especificidades: a família judaica da diáspora	34
1.2.1 Delimitações	34
1.2.2 Diáspora	35
1.2.3 Família e patriarcado	37
1.3 A família romana	41
1.3.1 Delimitações	41
1.3.2 Família e patriarcado	42
1.3.3 Administração pública e patriarcado	45
1.4 A família grega	48
1.4.1 Delimitações	48
1.4.2 Família e patriarcado	50
Considerações parciais	52
2. Efésios	57
2.1 Autoria, Datação e Destinatários da Epístola aos Efésios	59
2.2 Gênero literário e estilo retórico	62
2.3 Relação com Colossenses	64
2.4 Divisão geral e Teologia	66
2.4.1 A relação entre judeus e gentios	68
2.4.2 Renovada perspectiva escatológica	69

2.4.3 Cristologia	69
2.4.4 A Igreja Universal	70
2.5 A metáfora cabeça/corpo	72
2.6 A imagem esponsal	75
2.7 Códigos domésticos greco-romanos	78
2.8 O texto – Efésios 5,21-33	86
2.8.1 Verso 21	87
2.8.2 Versos 22-24	92
2.8.3 Versos 25-30	94
2.8.4 Versos 31-33	95
Considerações parciais	96
3. Sociedades ocidentais	99
3.1 Revolução Industrial	101
3.2 Revolução cultural	103
3.3 Patriarcado	106
3.4 Período pós-industrial	108
3.4.1 O declínio das metanarrativas e a fragmentação da verdade	110
3.4.2 O presentismo e a contração do espaço e do tempo	111
3.4.3 Entrelaçamento entre ética, estética e consumismo	112
3.4.4 Globalização	113
3.5 Brasil	114
3.5.1. Protestantismo	114
3.5.1.1 Protestantismo de missão	116
3.5.1.2 Protestantismo pentecostal	117
3.5.2 Fundamentalismo	118
3.5.2.1 Conservadorismo	122
3.5.2.2 Patriarcado	124
3.6 Família: a casa	126
3.6.1 Delimitações	126
3.6.2 A prevalência do modelo nuclear	128
3.6.3 Formatações familiares	132
3.6.4 Mulheres na casa	137
Considerações parciais	141

4. Livros fiel: primeiro nível de recepção	145
4.1 As pessoas autoras	146
4.2 A Editora Fiel	149
4.2.1 Posição no mercado editorial	150
4.2.2 Delimitações	153
4.3 A tradição Reformada e sua teologia	155
4.3.1 O Calvinismo	157
4.3.2 TULIP	158
4.4 Novos calvinistas	160
4.5 Apropriação Fiel da Teologia Reformada Calvinista	162
4.5.1 Declaração de Fé – Parte 1	164
4.5.2 Afirmações e Negações – Parte 2	167
4.5.3 Soberania divina	169
4.5.4 A centralidade das Escrituras	173
Considerações parciais	176
5. Livros fiel: segundo nível de recepção	179
5.1 O texto	181
5.2 As pessoas leitoras	183
5.3 Metodologia	184
5.4 Perspectiva feminista de análise	188
5.5 A outroapresentação	191
5.6 A retórica da submissão feminina	196
5.6.1 Função na ordem da criação: Gênesis 2 e a retórica da complementaridade	196
5.6.2 Socialização: docilização e infantilização	200
5.6.3 Relativização: abdicando de si em face de outrem	203
5.6.4 Esfera de atuação: público x privado	209
5.6.5 Analogia: interpretando Efésios 5,21-33	214
5.6.6 Autoridade: posições de decisão e liderança	220
5.6.7 Extrapolação: articulando a submissão feminina e premissas de gênero em face de doutrinas essenciais da fé cristã	229
Considerações parciais	233

6. Texto e contexto:

ética igualitária em perspectiva feminista 237

6.1 Família: diferentes vozes no movimento cristão primitivo 239

6.2 Por uma ética feminista 245

6.3 A epístola aos Gálatas – Uma introdução 248

6.3.1 Gálatas 3,26-28 como tradição ética igualitária 251

6.3.2 Igualdade em Gálatas e hoje 256

6.4 O discurso sobre a família unívoca e complementarista 259

6.5 Apontamentos hermenêuticos 263

Considerações parciais 268

Conclusão 271

Referências 279

Anexo 295

*Ao Deus de doçura e poder, envolto em terrível mistério,
impactada por sua beleza, seja minha vida saltério;
útero que me gera em misericórdia e me acalenta em graça,
paixão que flameja em meu peito e sede que me perpassa.
A ti toda minha existência, desde esta frágil efemeridade
até o bendito dia em que o conhecerei em eternidade.*

Agradecimentos

No ano de 2006 eu ingressava formalmente na área da Teologia. Conhecer melhor a fé que havia tocado minha vida de modo pessoal trouxe a mim profundo deslumbramento, fascínio este que rapidamente desembocou em um Mestrado. Nem em meus mais arrojados sonhos usufruí de contentamento como o daqueles anos. Pessoas de diferentes nacionalidades e tradições dentro do Cristianismo, todas igualmente extasiadas com o mistério Del*. Encontros de tal valor humano que facilmente poderia reputá-los como sendo divinos. Neste período, meus estudos se depararam, porém, com uma dura verdade: a fé cristã nem sempre serviu apenas à potência de vida. Como mulher, mui rapidamente, descobri ser a Teologia e também a igreja cristã âmbitos de veras sexistas e até misóginos. Tal inquietação deu lugar a um desejo: aquele por dias melhores. O Doutorado, cujo trabalho final resultou nesta obra, se viu intensamente perpassado desta dor e esperança. Foram muitas aulas, conversas e constatações sobre a dura realidade das mulheres em geral e, especialmente, no seio do Cristianismo. A um só tempo eu me via entre amar a fé que me havia existencialmente abraçado e criticar o que nela serviu à exploração e morte. Sigo acreditando ser possível conservar esta tensão.

Chegando ao fim deste projeto, que mais se assemelha a um recomeço, sou apenas gratidão, sobretudo a Deus, meu coração, farol, pai e mãe. Esta pesquisa não seria possível sem a paciência e força de meu esposo Enéas. Quando nos embrenhamos na tarefa de um trabalho de longo prazo, certamente não imaginamos quão rápido a vida pode continuar girando. Enéas foi um ponto fixo e firme em meio a este processo tão emocionalmente demandante. Você é, inegavelmente, meu teólogo preferido. Eu não poderia ter feito esta pesquisa sem o alto nível de interlocução que você me prestou, por tudo isso, meu muito obrigada. A honra desta vitória também lhe pertence.

Meu orientador Élio Gasda extrapolou em muito o que lhe era requerido nesta função.

Sua generosidade e sensibilidade são encontradas apenas em pessoas que miram o Cristo como exemplo para o viver. Muita gente esteve envolvida em recomendar bibliografias, sugerir pesquisas, discutir argumentos, mas também em inflar de ânimo, sorrir na desventura e comemorar as várias etapas. Aos colegas da empreitada acadêmica: Fabrício Veliq, Fabiane Luckhow, Priscila Cirino, Anderson Barroso, Henrique Vasconcelos, Rodolfo Lourenço e Hermes Santos: vocês seguem para mim como exemplo de inovação e erudição, mas principalmente da graça divina. O amigo Mauro Santana não poderia ser esquecido em vista da tão grande ajuda que me prestou com sua biblioteca.

Agradeço aos amigos queridos, Marcelle e Rafael. Nem sei quantas vezes vocês suportaram minhas lamúrias doutorais, mas mais do que isso, nem sei quantos foram os momentos nos quais me aliviaram delas com sua presença e carinho e também a minha amiga Keilah que me concedeu a ternura de sua escuta em situações de extrema angústia nestes anos, bem como a visceral sinceridade que nela tanto admiro. Deus falou comigo e foi a sua voz que eu ouvi.

Finalmente, mas de modo algum menos importante, minha gratidão à Comunidade Cristã Êxodo que me recebeu como irmã, mestra e teóloga. Caminhar com vocês tem me permitido vivenciar a fé no Ressurreto em verdade e beleza jamais imaginadas por mim. Que a instrumentalidade adquirida nestes anos, e que agora celebro, sirva ao ímpeto divino por vida e vida em plenitude. Honra maior não posso conceber!

Prefácio

Submissão feminina: uma leitura bíblico-feminista é fruto amadurecido da etapa de estudos teológicos da doutora Karen Colares na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte. É também a conjunção de uma intensa experiência impregnada de indignação, ousadia e esperança. É difícil ser mulher em uma sociedade masculinizada, branca, heterossexual. É desafiador pensar a fé no interior de uma teologia ancorada em tradições patriarcais!

Ética que brota do texto e do contexto. Sem o reconhecimento da dissimetria de gênero e das relações de poder não há como pensar na efetividade da ética de Cristo. *Error circa creaturas redundat in falsam de Deo sententiam* (Santo Tomás de Aquino). Para oferecer critérios de discernimento ético sobre uma realidade humana, a teologia deve estar segura de haver conseguido uma compreensão mais exata possível da mesma. Além disso, o produto final da exegese bíblica e das ciências humanas converte-se em matéria prima da teologia. É o que encontramos nessa obra. Com sua aderência à hermenêutica da libertação na ótica de Elisabeth Schüssler Fiorenza, Karen supre uma lacuna na teologia ao resgatar a dimensão libertadora da exegese alicerçada em Cristo como princípio e fundamento da ética cristã.

Por um lado, a autora demonstra como a igualdade entre mulheres e homens está longe de ser uma realidade tanto na sociedade como em muitas igrejas cristãs. Por outro, propõe o estabelecimento de novas formas dessas relações, como condição imprescindível para que a justiça se realize.

Teologia se faz sobre afetos, corpos e histórias. A opressão, posse e dominação do gênero masculino se expressa a partir do corpo feminino. Se no biológico começa a opressão, também no biológico afirma-se a emancipação. O *penso logo existo* cartesiano integra o *sou onde penso*. A teologia é, assim, enriquecida pela sintonia com as tristezas e angustias, esperanças e conquistas das mulheres. A pessoa leitora descobre uma autora implicada corporalmente,

afetivamente e politicamente em cada página desse livro. Conhecimento é emancipação e liberdade!

Fazer teologia é ato político. Teologias feministas se desenvolvem de forma mais contundente quando articuladas às demandas dos movimentos feministas, dialogando com elas. Feminismo não mata ninguém. O machismo mata todo dia. Teologias feministas tem objetivos análogos aos movimentos feministas como a emancipação da mulher e justiça de gênero. As mulheres são protagonistas da necessária “libertação da teologia” (Juan Luís Segundo) das amarras dogmáticas e colonizadoras de um clericalismo-patriarcal que as exclui da produção de conhecimento. A inclusão da justiça e igualdade de gênero no clamor por justiça social representa um avanço significativo no campo da ética teológica.

Submissão feminina: uma leitura bíblico-feminista é ética teológica comprometida com o Reino de Deus inaugurado por Jesus de Nazaré. O movimento de Jesus é essencialmente ético. Toda comunidade cristã é uma comunidade ética. Obviamente, toda hermenêutica dos textos bíblicos terá implicações ético-pastorais. O sexismo e o patriarcado contemporâneo tem raízes em textos como o código doméstico de Efésios 5,21-33. Karen oferece uma análise hermenêutica rigorosa para demonstrar como um texto bíblico colabora com a ordem *kiriarcal*. A palavra negada em público foi silenciada em privado. Editoras como a Fiel interpretam este e outros textos para impor uma moral da submissão feminina apoiado em um hipotético *patriarcalismo de amor*. É o primeiro estudo sobre os desdobramentos éticos deste extrato em perspectiva teológico feminista no Brasil.

A teologia não pode perder sua dimensão crítica em um contexto de uma sociedade profundamente injusta e distante da igualdade fundamental entre todos e todas. Humanista, Karen faz teologia a serviço da superação deste anti-humanismo chamado patriarcado. Sim, a história do patriarcado e da humanidade se entrelaçam. Patriarcado mata, oprime, invisibiliza, desumaniza. Muitas denominações cristãs servem-se do poder religioso para oprimir e explorar corpos femininos. À medida que a sociedade se torna patriarcal, a religião traz à tona um deus masculinizado todo poderoso. Diversas tradições teológicas contribuem para a reprodução e consolidação de instituições culturais, sociopolíticas e econômicas patriarcais.

Opressões são concretas. Mulheres são concretas. “Na América Latina e no Caribe é necessário superar a mentalidade machista que ignora a novidade do cristianismo, onde se reconhece e se proclama a igual dignidade e responsabilidade da mulher em relação ao homem” (Documento de Aparecida, 453). A ética tem um papel central na erradicação do patriarcado que envenena o movimento de Jesus. Desigualdades não fazem parte da proposta do Evangelho. O Reino de Deus se expressa em relações de equidade.

Tudo começa pela despatriarcalização da imagem do Deus do Reino. A história do cristianismo está marcada por uma teologia majoritariamente feita por homens que desconfigurou a representação de Deus e desequilibrou as relações humanas. A imagem patriarcal de Deus legitima e reforça as estruturas sociais patriarcais na família, nas comunidades cristãs e na sociedade; justifica a superioridade do homem e a inferioridade da mulher.

Um cristianismo patriarcalizado outorgou aos homens o monopólio da representação divina. Desumaniza-se a mulher em nome de uma pretensa vontade de Deus. “Toda violência contra as mulheres é uma profanação de Deus. A salvação para a humanidade veio do corpo de uma mulher: pela maneira como tratamos o corpo de uma mulher, compreendemos nosso nível de humanidade” (Papa Francisco). Enquanto a teologia permanecer atrelada à conceitos patriarcais, seu discurso continuará ineficaz diante das inúmeras formas de injustiça. Muitos teólogos não veem as implicações de suas afirmações. Seriam cúmplices da violência epistemicida cometida contra as mulheres na teologia?

Como reconstruir relações de comunhão, igualdade e justiça que foram rompidas? A teologia tem elementos valiosos para contribuir na superação da ideologia do patriarcado. Karen mostra a fórmula: voltar às fontes, voltar ao Jesus dos Evangelhos. Esse livro é uma ferramenta valiosa que nos ajuda a ter uma noção dos impactos perversos de uma hermenêutica do patriarcado sobre a vida de milhões de mulheres. Acolher o texto bíblico como sagrado não significa silenciar sua misoginia.

A obra desconstrói de forma rigorosa e contundente uma série de heresias propagadas diariamente em todo país por centenas de igrejas e movimentos autodenominados cristãos. A essência do Evangelho é substituída por um código de deveres domésticos do século I de autoria duvidosa. “O discurso doméstico

é o discurso patriarcal por excelência” (MacDonald). Códigos reforçam o controle masculino sobre o feminino em todas as esferas da vida da mulher. Ou a teologia enfrenta o problema ou é parte do problema. Karen enfrenta.

Em pleno século XXI a teologia precisa defender o óbvio. A despatriarcalização começa por acolher como Palavra de Deus a afirmação de que todos os seres humanos têm igual dignidade. Toda criatura humana está orientada para a comunhão com Deus, é destinatária da Graça e herdeira da vida eterna. O homem não é superior à mulher, nem a mulher superior ao homem. Deus não é de modo algum à imagem do homem. Deus é Comunidade perfeita de eterna igualdade entre Três Pessoas. Ninguém é superior, inferior ou anterior à outra. Comunhão, igualdade, reciprocidade. Como insistir na figura de um Deus-pai, todo-poderoso feito cúmplice da opressão e legitimador do patriarcado e contrário à equidade de gênero?

Mulheres e homens são criados à imagem da Trindade, são inspirados pelo Espírito, a serem filhos/filhas, no Filho (Ef 1, 5). Deus em Cristo se humanizou. A ética cristã está constituída por este evento Cristo narrado nos Evangelhos, vivido, expressado e testemunhado por mulheres e homens que projetam a existência tendo como horizonte a pessoa de Cristo: “Não há homem nem mulher, porque todos vós sois um em Cristo Jesus” (Gal 3, 28). O arquétipo de todas as relações humanas é nascido de mulher O Verbo se fez carne (Jo 1,14) e rompeu com todas as formas de discriminação. O ventre de uma mulher acolheu o Salvador. Pessoas nomeadas que permaneceram junto ao crucificado são mulheres. Uma mulher foi a primeira mensageira da Ressurreição.

O batismo é mergulho na comunhão trinitária. Permanecer em Cristo, no Espírito, é ser nova criatura (2 Cor 5,17). “Todos fomos impregnados do mesmo Espírito” (1Cor 12,13). O batismo potencializa a verdadeira comunidade de iguais, destrói honrarias, privilégios e hierarquias. Toda pessoa é batizada por inteiro. Não existe batismo de segunda categoria. Como negar TODA a dignidade do batismo a uma pessoa pelo fato de ser mulher? Se a maioria das pessoas batizadas é mulher, então porque suas presenças são silenciadas e invisibilizadas? Homens decidem como as mulheres devem viver sua fé, como comportar-se, o que vestir, quando falar. É uma ofensa à dignidade do batismo.

Ainda há tempo de recuperar a essência do movimento de Jesus devolvendo às mulheres tudo aquilo que uma teologia corrompida pelo patriarcado roubou delas, e continua roubando. Roubando de todos nós. “As mulheres têm muito a dizer na sociedade atual. Somos demasiado machistas e não deixamos espaço à mulher” (Papa Francisco).

Nessa recuperação da matriz ética presente nos profetas e profetizas e no movimento de Jesus, o livro é uma proclamação irrefutável da igualdade originária entre mulher e homem. Basta de proclamar textos que perpetuam a submissão feminina como vontade de Deus. Uma teologia elaborada a partir do olhar, da vivência e da experiência feminina é fundamental para a construção de uma nova humanidade. É fundamental continuar “rompendo o silêncio” (Ivone Gebara).

“Falar é poder existir” (Djalmla Ribeiro). A mulher, juntamente com os pobres, é a principal força para a recuperação do verdadeiro Movimento de Jesus. “A sororidade é poderosa” (Bell Hooks). A palavra se torna clamor quando se torna mais forte. Mas para ser mais forte precisa de mais vozes. “O sistema do patriarcado é uma construção histórica. Tem um começo. Terá um fim. Vivemos uma era de transformação sem precedentes. Estamos no processo de se tornar” (Geda Lerner).

Liberdade e emancipação exigem a superação de condições de ordem socioeconômica, política e cultural opressoras. A liberdade é princípio, objeto e meta da ética. “Qualquer que seja a liberdade pela qual lutamos, deve ser uma liberdade baseada na igualdade” (Judith Butler). O que é a ética senão a prática da liberdade? “Foi para a liberdade que Cristo nos libertou. Permaneçam firmes e não se deixem submeter novamente a um jugo de escravidão” (Gal 5, 1). Aprendemos o que é liberdade enfrentando nossas escravidões.

Que esta obra seja a primeira de muitas de Karen Colares. A Editora Recriar está de parabéns por disponibilizar tão valiosa publicação ao público. Leitoras e leitores se sentirão provocados e provocadas a participar da gestação de um cristianismo mais coerente com o movimento de Jesus.

Excelente e luminosa leitura a todas e a todos!

Élio Gasda

Introdução geral: recortes, metodologia e definições

A despeito da aparente homogeneidade de sua nomeação, o Movimento Feminista é marcado por diferentes fases, bem como abriga considerável variedade de vertentes. Seu nascedouro se localiza na luta pelos direitos civis que, no entanto, aconteceu em momentos e formatos particulares, a depender do país tomado em consideração. Esta base se alargou paulatinamente em direção ao pleito por direitos políticos, educacionais, trabalhistas e sexuais. Neste sentido, falamos de uma profusão de movimentos articulados sob o ímpeto feminista que, nas palavras de Dorothee Sölle, “é a saída de mulheres da tutela e incapacidade impostas por outros e causadas por elas mesmas”¹.

A busca por dignidade plena para as mulheres reverberou por múltiplos setores da sociedade, chegando inclusive ao âmbito das religiões. No Cristianismo, em todas as suas tradições, sua emergência questionou práticas e pensamentos estruturantes. O diálogo entre os impulsos feministas e a Teologia deu origem ao que se convencionou chamar — também no singular, embora plural — Teologia Feminista. Na América Latina e no Brasil a Teologia Feminista surge conectada com aquela produzida no Norte Global. Iniciada nos anos 1970 e 1980, se consolidou aos poucos e, posteriormente, ao se abrir para a abordagem de gênero, foi responsável por significativa mudança na produção teológica, o que se constituiu como uma nova epistemologia e sua respectiva metodologia.²

Dentre as críticas feitas por essa nova epistemologia estão: o essencialismo, que pressupõe uma “essência humana” anterior à “queda” de Adão e Eva; o androcentrismo, que coloca o masculino e a masculinidade no centro do debate, inclusive o reputando como antropologicamente superior; o dua-

1. SCHOTTROFF *et al*, 2008, p. 39.

2. FURLIN, 2011, p. 140.

lismo, que divide toda a realidade em dois polos e a atemporalidade, que considera que uma verdade, ao ser válida para um período específico, é válida indeterminadamente.³

Estudos acerca dos papéis sociais de gênero cresceram na Teologia cristã no último meio século.⁴ “A categoria de gênero enfatiza o caráter social das distinções construídas a partir das diferenças biológico-sexuais”⁵. O sexismo e misoginia presentes na história do Cristianismo se encontram bem documentados e as pretensas bases bíblicas do discurso antropológico que afirma a inferioridade feminina seguem sendo problematizadas, bem como suas inevitáveis consequências. Herdeiras da desonra de fazerem Adão curvar-se à sua pecaminosa vontade, as mulheres viram ser agravada sua punição: a submissão ao masculino.

Vistas sob tamanha suspeita moral, foram associadas discursiva e simbolicamente à desordem e ao mal. Vigiar seus passos, tutelar sua consciência e circunscrevê-las a esferas específicas foi o resultado óbvio deste pensamento. O controle proposto para seus corpos elegeu a procriação como destino e redenção de sua inalienável natureza pecadora.

Não apenas o relato do pecado registrado em Gênesis 3, mas outros vários textos bíblicos foram usados para fomentar a retórica da submissão feminina, uma complexa interação entre textos e seus comentários construindo um discurso aparentemente consistente para que as mulheres estejam sob autoridade masculina.

Entre as perícopes bíblicas pinçadas com este fim, uma em particular se mostra deveras recorrente: o código doméstico de Efésios 5,21-33. Sua recepção ontem e hoje, segue em direção duvidosa. Não levando em consideração a dissimetria do momento de sua escrita, muitas das apropriações hermenêuticas deste texto reiteraram a situação de subserviência feminina insuflando-lhe de legitimação teológica. Nesse sentido, assistimos a tal fenômeno *in loco*. O ambiente cristão conservador brasileiro, seja católico ou protestante, vem se mostrando campo fértil para posturas complementaristas e hierarquizantes.

3. REIMER, 2005, p. 32.

4. FARLEY, 2006, p. 139.

5. REIMER, 2005, p. 26.

Avaliar tal situação, no entanto, demanda maior delimitação, portanto, elencamos a produção literária de uma editora que entrega aos seus leitores e leitoras uma apropriação do texto de Efésios 5,21-33. Inserida no *ethos* protestante conservador, a Editora Fiel é adepta da perspectiva teológica reformada calvinista, ainda que se possam fazer certos adendos a isso. Sua confissão teológica a coloca em destaque no Protestantismo histórico de missão, o que por sua vez, exclui outros grupos do horizonte de nossa avaliação.

A possibilidade de definir títulos específicos para crítica hermenêutica confere factualidade à nossa pesquisa. Os livros em questão, pensados especificamente para o público feminino ou abordando a temática da submissão retomam o texto sob análise, o que os constitui como fonte da informação que almejamos. Assim, quatorze obras serão utilizadas.

O tema, portanto, possui natureza iminentemente prática contemplada por meio da pergunta: postos em perspectiva feminista, quais são os desdobramentos éticos da recepção do texto de Efésios 5,21-33 nas obras da Editora Fiel? Tangenciamos hermenêutica e ética, texto e contexto. Buscamos vislumbrar a hodierna recepção de um texto que segue compondo a identidade das mulheres no contexto brasileiro protestante conservador, o que nos localiza adequadamente na área de Teologia da Práxis.

As primeiras comunidades cristãs eram, sobretudo, domésticas o que fez com que a hierarquia atestada na ordenação do lar, fosse utilizada para organizar a comunhão eclesial. Desta feita, as implicações da leitura deste texto em moldes complementaristas trazem impactos nos dois ambientes, já separados na experiência contemporânea.

Temos afirmado que nosso ponto de partida é intrinsecamente feminista, porém, dada a multiplicidade das teologias feministas, as principais linhas existentes devem ser apresentadas e nossa escolha, entre elas, apontada.

Entre as várias formas de se categorizar as elaborações teológicas feministas está a proposta que se orienta por sua hermenêutica. Sendo assim, teríamos 5 grandes dosséis sob os quais podem ser agrupadas as teólogas e os teólogos feministas. 1. Hermenêutica da lealdade: assume que o problema da discriminação das mulheres biblicamente legitimada não está na Bíblia, mas em sua interpretação. 2. Hermenêutica da rejeição: postula que a Bíblia não pode ser uma autoridade para as mulheres porque sua história de trans-

missão deve ser considerada uma história do patriarcado, que transformou a revelação de Deus asseverada pela Bíblia e nela como sexista, para a qual não há salvação. 3. Hermenêutica da revisão: percebe as aporias historicamente condicionadas da palavra de Deus na palavra humana, distinguindo entre o caráter patriarcal (casca) e o núcleo divino (caroço). 4. Hermenêutica do “eterno feminino”: apela ao divino que possa ser compreendido essencialmente em símbolos do Grande Feminino, postulado como original tanto em termos da história da humanidade como da psique individual e compreendido como fundamento de uma “tea-logia” e uma espiritualidade que correspondam aos desafios atuais. 5. Hermenêutica da libertação: considera a comunidade como centro da decisão ética e de compromisso político em favor da possibilidade de todas as pessoas tornarem-se sujeitos. Não existe aqui inclinação para um feminino “natural”, ou seja, ela é iminentemente não essencialista, bem como libertacionista.⁶

Tendo elencado as divisões básicas a organizarem o escopo das teologias feministas, fazemos clara nossa adesão pela hermenêutica da libertação. Não é nosso intuito centralizar as reflexões em torno da produção de uma teóloga ou teólogo em particular, mas a aderência à linha mencionada inevitavelmente fará com que seus representantes apareçam com maior frequência. É o caso da exegeta feminista Elisabeth Schüssler Fiorenza. Há que se dizer também que a perspectiva feminista aludida neste trabalho aponta sobretudo à perspectiva da autora deste texto. É primordialmente o olhar desta teóloga feminista que aborda e examina o material fixado.

Este trabalho possui estrutura que se assemelha a uma dobradiça. As lâminas A e B estão unidas por um núcleo propositivo. Enquanto a lâmina A cuida do contexto e texto do século I (Antigas Sociedades mediterrâneas e Oriente Próximo/ Efésios), a lâmina B cuida do contexto e texto no século XXI (Sociedades Ocidentais/Recepção da Editora Fiel em 1º e 2º nível sob perspectiva feminista). Unindo as faces A e B da recepção bíblica temos o último capítulo que, diante das constatações realizadas, faz apontamentos éticos feministas para a hermenêutica, a partir do texto de Gálatas 3,26-28. Cada capítulo responde a um objetivo secundário e todos atendem ao objetivo principal.

6. SCHOTTROFF *et al*, 2008, p. 39-49.

O capítulo 1, *Antigas Sociedades mediterrâneas e do Oriente Próximo*, visa elucidar um elemento essencial da estrutura social que rege a lógica de discurso de nosso texto: a família em sua formatação patriarcal. Todo autor conta com o fato de que seus leitores estão suficientemente inseridos nas várias estruturas sociais e culturais da época, não sendo necessário se esmerar em explicações de convenções partilhadas. Entretanto, levando em conta que ler é um ato social e que nós não somos os destinatários da escrita neotestamentária, certos esclarecimentos são necessários.

O Capítulo 2, *Efésios*, buscará inserir o texto em seu contexto histórico-cultural. Pressupondo que a lógica de um excerto não advém apenas daquilo que lhe é externo, o localizaremos também em seu ambiente literário mais amplo a fim de que desponte seu nexos interior. Para tanto, nos valeremos do trabalho exegetico de autores reconhecidos por meio do qual tomaremos consciência das disputas teológicas a cercar a perícopes de nosso foco, Efésios 5, 21-33. A escolha do texto se deve à sua pertinência para o debate da submissão feminina. Brown assim resume o peso desta obra: “Entre os escritos paulinos, apenas Romanos se equipara a Efésios como candidato àquele que maior influência exerceu no pensamento e na espiritualidade cristãos”⁷. Dentro de moldes estritos, pode-se dizer que este capítulo não tem pretensões exegeticas, mas conservamos a percepção de que a interpretação bíblica que busca apenas o resgate de supostos sentidos originais não estaria fazendo justiça à complexidade estrutural das fontes com que lidam. Nas palavras de Nogueira: “Parece-me que o contrário é correto: o trabalho do exegeta apenas se inicia no estudo da composição do texto. Depois ele deve perseguir o texto em sua história de releituras e em sua atividade incessante de criação de novos textos na cultura”⁸.

Após assentada a aba A de nossa ‘dobradiça’, daremos início a sua contraparte por meio do capítulo 3, *Sociedades Ocidentais*, que tem como objetivo definir o ambiente social no qual circulam as publicações da Editora Fiel apontando mudanças culturais, especialmente aquelas relativas à instituição familiar. O período pós-industrial será contemplado por intermédio de suas preponderantes características: o declínio das metanarrativas, a fragmentação

7. BROWN, 2004, p. 813.

8. NOGUEIRA, 2012, p. 16.

da verdade, o presentismo, a contração de espaço e do tempo, o entrelaçamento entre ética, estética e consumismo e a globalização. Para afunilar o panorama e localizar com maior precisão a recepção ao excerto selecionado focaremos o contexto brasileiro, destrinchando a religiosidade protestante presente e seus elementos hermenêuticos. De modo pareado ao que foi realizado no 1º capítulo, definiremos a família neste contexto, suas várias possibilidades de formação e como se configuram para as mulheres.

Tendo como meta introduzir as pessoas leitoras ao universo da Editora Fiel, o capítulo 4, *Livros Fiel: Primeiro nível de recepção*, funcionará como moldura para o exame posterior. A descrição da tradição teológica na qual está inserido o Ministério Fiel e sua editora partirá da teologia reformada indo em direção ao viés especificamente calvinista. A apropriação Fiel deste legado será exibida por meio de sua Declaração de Fé e exemplificada através do tratamento que confere a tópicos teológicos de relevo em suas elaborações, quais sejam a soberania divina e a centralidade das Escrituras.

Na sequência adentraremos de modo específico a recepção bíblica nas obras da editora. O capítulo 5, *Livros Fiel: Segundo Nível de recepção*, intenciona esmiuçar 14 publicações para entender sua hermenêutica do texto de Efésios 5,21-33, bem como os desdobramentos da dissimetria sexual defendida. Neste sentido, lançaremos luz a outros elementos e textos bíblicos utilizados na construção do discurso de submissão feminina. A metodologia proposta para este exame será aquela dos *Estudos Críticos do Discurso* (ECD), então explicitada e articulada com o nosso compromisso feminista. Sete subtópicos foram postos para organização do material. Cada um, a seu modo, confere concretude à dinâmica de submissão.

Finalmente, o capítulo 6, *Texto e contexto: ética em perspectiva feminista*, discutirá importantes elementos para uma abordagem hermenêutica justa para a situação das mulheres. Problematizaremos a presença de diferentes perspectivas no Cristianismo primitivo, refletindo a atualização na tradição bíblica que tantos apontamentos faz para o processo hermenêutico. Destas vozes, afirmaremos o texto de Gálatas 3, 26-28 como um brado igualitário cujas pistas podem auxiliar no enfrentamento da assimetria constatada.

Cabe ainda ressaltar a Seção *Anexos*, onde a pessoa leitora encontrará a *Declaração de Fé do Ministério Fiel* em sua versão integral; o mapa de

igrejas que se afiliam a esta confissão; uma breve descrição dos parceiros do Ministério Fiel e sua editora, bem como as linhas gerais da identidade reformada conforme a CMIR.

Não existe a pretensão de exaurir qualquer das temáticas emergentes no processo de resposta à pergunta da tese. Nossa abordagem dos variados tópicos possui interesse bem definido e é baseado neste que faremos as devidas explorações. Tendo lançado as bases do trabalho que se seguirá, desafiamos as pessoas leitoras ao reconhecimento de que os desdobramentos éticos do fazer teológico podem efetivamente conferir-lhe ou demover-lhe a legitimidade.

1. Antigas sociedades mediterrâneas e oriente próximo⁹

Ao longo dos séculos, as Escrituras judaico-cristãs vêm impondo profundos desafios àqueles e àquelas que desejam compreender seus ensinamentos e reverberar sua relevância. Parte da dificuldade implícita deve-se à afirmação de sua dupla natureza: humana e divina. Enquanto obra literária, a Bíblia demanda familiaridade com regras gerais de interpretação; em contrapartida, enquanto escrito ao qual se atribui inspiração divina, instila tratamento ímpar, estando cercada da sensibilidade própria aos debates religiosos e existenciais.

Dizer tal coisa é tomar nota do impasse que se estabelece no processo hermenêutico em sua relação com os dados a que denominamos contexto. O afã de lealdade às asserções bíblicas insufla em muitos indivíduos a negação das contingências culturais a perpassarem suas elaborações. No caso, perceber a natureza ocasional de um discurso seria perder de vista sua condição de atemporalidade. Tal mentalidade condiciona certo tratamento a-histórico do texto, bem como conservadorismos que equiparam literalismo a fidelidade e negligenciam a intrincada relação leitor-texto-contexto.

Como se não bastasse a possibilidade de que alguém se desvie da tarefa de compreender o ambiente de gestação de um escrito, temos os enredamentos a serem encarados por aqueles que optam por lhes dar atenção. Notoriamente, existe um conjunto de informações que documentos podem apenas esboçar

9. O enquadramento sociogeográfico da Introdução de Stegemann e Stegemann (2004) demonstra que, a despeito de uma série de incertezas quanto a detalhes geográficos dos escritos neotestamentários, seus autores e destinatários viviam todos no Império Romano de então, estando, por isso, de forma mais ou menos intensa, expostos às influências política, militar, econômica, social e cultural de um sistema social que orbitava em torno de Roma e seus Césares. A região vem a ser aquela em torno do Mar Mediterrâneo. Guardadas as ressalvas para a diferenciação entre zonas urbanas e rurais, as sociedades mediterrâneas estão unidas por um número significativo de elementos comuns (STEGEMANN; STEGEMANN, 2004, p. 14).